

A watercolor illustration of a light blue rabbit and a brown chicken with a red comb. The rabbit is on the left, sitting and looking towards the chicken. The chicken is on the right, standing and looking back at the rabbit. They are positioned below the title text. In the background, there are green leaves and brown branches.

Clarice Lispector

Histórias para crianças e gente grande

Ilustrações de
**Odilon
Moraes**

ÍNDICE

Apresentação aos jovens leitores por Maria do Rosário Pedreira	7
A mulher que matou os peixes	17
O mistério do coelho pensante	45
A vida íntima de Laura	59
Quase de verdade	73
Doze lendas brasileiras	89
Janeiro: Como nasceram as estrelas	91
Fevereiro: Alvorço de festa no céu	94
Março: O pássaro da sorte	98
Abril: As aventuras de Malazarte	101
Maio: A perigosa Yara	104
Junho: Uma festança na floresta	107

Julho: Curupira, o danadinho	111
Agosto: O Negrinho do pastoreio	114
Setembro: Do que eu tenho medo	117
Outubro: A fruta sem nome	120
Novembro: Como apareceram os bichos	123
Dezembro: Uma lenda verdadeira	126

Apresentação aos jovens leitores

Se já ouviste falar do grande escritor português Fernando Pessoa (1888–1935), sabes certamente que foi um génio e que a sua opinião sobre literatura é, portanto, para ter em atenção e valorizar. (Se não o conheces ainda, o que é perfeitamente natural, podes acreditar no que acabei de te dizer, e até confirmá-lo mais tarde, quando estudares a sua poesia.) Pois bem, foi Fernando Pessoa quem um dia afirmou que uma história para crianças só pode ser realmente boa se os adultos a puderem ler com o mesmo prazer dos leitores mais novos. E, se começo o meu texto por esta declaração, é justamente porque, ao ler estas histórias inventadas ou recriadas pela escritora brasileira Clarice Lispector (1920–1977), fui capaz de me sentir outra vez criança e de as ler uma e outra vez com um entusiasmo e um prazer que os adultos raramente põem na leitura de obras infantis.

Mas comecemos pelo princípio: quando me convidaram para apresentar os contos e lendas de Clarice Lispector

para crianças, eu convenci-me de que tinha ouvido mal. Conhecia alguns romances da autora para leitores adultos, quase todos especiais e deslumbrantes, mas também fora do comum e complexos; e não conseguia perceber como uma escritora de livros assim enigmáticos e até inquietantes era também capaz de dedicar histórias claras e simples aos mais novos. A verdade é que a minha dúvida até tinha razão de ser, porque, segundo vim a saber depois com a investigação que fiz sobre a genial Clarice, é bem possível que ela nunca se tivesse desviado da literatura para crescidos, a que dedicou a vida a par do jornalismo, se o seu filho Paulo não lhe tivesse exigido, com apenas 6 anos, que escrevesse uma história para ele, já que escrevia para tanta gente. E, cá para mim, ainda bem que ele o fez, porque Clarice Lispector, como mãe e mulher incrivelmente inteligente e criativa que era, provou saber comunicar com as crianças na perfeição. Sem fazer grande coisa por isso (foi o seu editor que pediu para publicar), deixou-nos este conjunto de histórias deliciosas que agradam, como disse anteriormente, a «meninos e meninas» de todas as idades.

Antes de falar dos contos em si, gostaria, de contar resumidamente quem foi esta escritora hoje reconhecida e elogiada em todo o mundo pelos críticos (aqueles que estudam a obra de um autor e partilham depois com o público a sua análise) e frequentemente considerada uma das principais autoras de língua portuguesa (mesmo

que use uma variante da língua um pouco diferente da que tu falas, mas perfeitamente compreensível, vais ver).

Sobre a sua vida, posso então dizer-te que Clarice Lispector nasceu na Ucrânia e que pertencia a uma família judia que se viu obrigada a fugir para o Brasil era ela bebé, porque os russos, que então dominavam o país, perseguiam os judeus. Ela, os pais e as duas irmãs viveram primeiro em Maceió e depois no Recife, onde Clarice aprendeu a ler e começou logo a escrever histórias; era, aliás, uma frequentadora regular da biblioteca.

Depois da morte da mãe, a família mudou-se para o Rio de Janeiro, que era uma cidade maior, para as três raparigas poderem fazer os estudos universitários, e foi lá que Clarice completou o curso de Direito, tendo começado a trabalhar como jornalista ainda na faculdade.

Casou-se com um colega de curso e publicou o seu primeiro romance — *Perto do Coração Selvagem* — com apenas 24 anos. Era um livro tão diferente de tudo o que até então tinha sido publicado no Brasil (um livro moderníssimo) que chamou logo a atenção do público.

Como o marido de Clarice era diplomata, ela teve de deixar o Brasil para viver no estrangeiro muitos anos, passando os primeiros em Itália durante a Segunda Guerra Mundial. O casal teve depois dois filhos, um nascido na Suíça, outro nos Estados Unidos. Mas Clarice nunca parou de escrever cartas aos amigos (que depois foram publicadas

num volume) e livros de ficção, que foram sempre muito bem recebidos pelos leitores por serem incrivelmente originais: quase nunca começavam pelo princípio da história e tinham personagens muito fortes, principalmente mulheres, o que levou algumas pessoas a considerarem a escritora feminista.

Clarice e o marido acabaram por separar-se em 1959 e ela regressou com os filhos ao Rio de Janeiro onde trabalhou, além do ofício de escritora, como jornalista e tradutora até 1977, ano em que morreu.

A obra de Clarice ganhou tal importância internacional que, apesar de ela ter morrido há quase cinquenta anos, ainda hoje todos os seus livros estão à venda nas livrarias e é como se tivessem sido escritos agora; além disso, Clarice mereceu que lhe dedicassem várias biografias (uma biografia é a história da vida de uma pessoa), escritas dentro e fora do Brasil¹. Os cerca de vinte e cinco títulos que Clarice escreveu receberam vários prémios, estão traduzidos em mais de trinta línguas e, quando cresceres, poderás lê-los de fio a pavio, mas para já é importante que conheças as histórias infantis deste volume.

Clarice disse numa entrevista que os seus textos para crianças são autobiográficos, ou seja, incluem episódios que ela própria viveu ou aos quais assistiu. Por exemplo, o conto *Quase de Verdade* começa com um cão chamado *Ulisses*

¹ A mais abrangente dessas biografias é de Teresa Monteiro, intitulada *À Procura da Própria Coisa*, também publicada em Portugal. (N. do E.)

a dizer que sua dona é Clarice (e ela adorava cães); e, na história *Quem matou os peixinhos vermelhos*, a escritora confessa-se logo culpada da morte dos peixes, pois o filho pediu-lhe que os alimentasse enquanto estivesse fora, e a mãe (provavelmente mergulhada na escrita de um artigo urgente ou de um romance fascinante) nunca mais se lembrou dos pobrezinhos. Ora, os adultos raramente assumem os erros perante as crianças, e serão ainda mais raros os autores que assumem perante os seus leitores a responsabilidade por um ato tão negativo; mas Clarice nunca gostou de passar por santa nem de esconder a verdade — e isso vê-se quando fala com os leitores mais novos tu cá, tu lá, pedindo-lhes perdão pelo crime cometido. Também não os poupa a verdades incómodas sobre si e sobre o mundo e, por isso, nestas histórias nem todas as criaturas são bonitas e boazinhas como é habitual nos livros para crianças. Aqui, os cães podem morder até à morte por ciúmes do dono; as galinhas podem ser feias e burras e ir parar ao forno (mesmo que seja para servirem de almoço ao futebolista Pelé, que era o Cristiano Ronaldo do tempo de Clarice); os mosquitos, quando vistos de perto, são horroresos; os ratos metem medo e as baratas metem nojo e pena (a narradora confessa que as esmaga com o chinelo e que já pagou a uma empresa para se ver livre delas); há pessoas desonestas que vendem animais já muito doentes nos mercados, pessoas más que batem nos animais e

outras que os abandonam (a própria Clarice já teve de se desembaraçar de um cão que ladrava de noite e incomodava os vizinhos); enfim, a escritora tem razão: o mundo não é perfeito, e o melhor é ficares já a saber para não te iludires nem apanhares mais tarde uma grande decepção.

Outra curiosidade, que distingue as histórias infantis de Clarice de outras que seguramente já leste, é a sua estrutura. Estás com certeza habituado a ler ou ouvir histórias com princípio, meio e fim, mas estas são mais como uma conversa que alguém tem contigo enquanto estás a ler, apresentando-se primeiro («Sabe quem sou?») e a seguir contando-te episódios da sua vida e analisando determinadas atitudes, como se quisesse que também tu pensasses a sério sobre o assunto e lhe desses uma opinião.

E há ainda outros aspetos francamente originais neste livro. Clarice, talvez por ter escrito sobretudo para os filhos e não estar nada preocupada com o público, não tem medo nenhum das palavras. Às tantas lemos:

«Os homens homenzavam, as mulheres mulherizavam, os meninos e meninas meninizavam (...), a chuva chuvava, as galinhas galinhavam (...)

Claro que estes verbos são todos inventados — por mais que tentes, não os encontrarás no dicionário; mas lá que ficamos a perceber o que faziam homens, mulheres, crianças

e bichos, ficamos. E que ninguém se atreva a achar que Clarice faz um uso indevido da língua: os escritores é que vão mudando as línguas ao longo do tempo com a sua imaginação. É, pois, natural que encontres nas páginas que se seguem algumas palavras que nunca viste e, sobretudo, nomes de animais e plantas completamente desconhecidos. O Brasil é um país muito grande e, em termos de fauna e flora, tem muitas espécies que não existem na Europa. Mas não desanimes, para as conheceres, se não tiveres Internet em casa, podes sempre fazer como faria Clarice e dar um pulo à biblioteca onde ficarás com uma ideia mais concreta daquilo de que ela está a falar.

Os animais são as personagens da maioria destes contos (ela sabia que quase todas as crianças os adoram) e, embora por vezes os seus animais tenham voz e sejam «pensantes» como o coelho da história escrita para o filho, não agem como pessoas, como acontece nas fábulas de Esopo ou La Fontaine. Eles agem mesmo como animais de verdade. Clarice até brinca com o facto de as fábulas acabarem sempre com a moral da história, como se das histórias se tivesse de retirar obrigatoriamente uma lição; termina, aliás, uma das lendas que reescreve com a frase divertida: «Moral da festa? Bem, não houve.» Realmente, porque é que teria de haver?

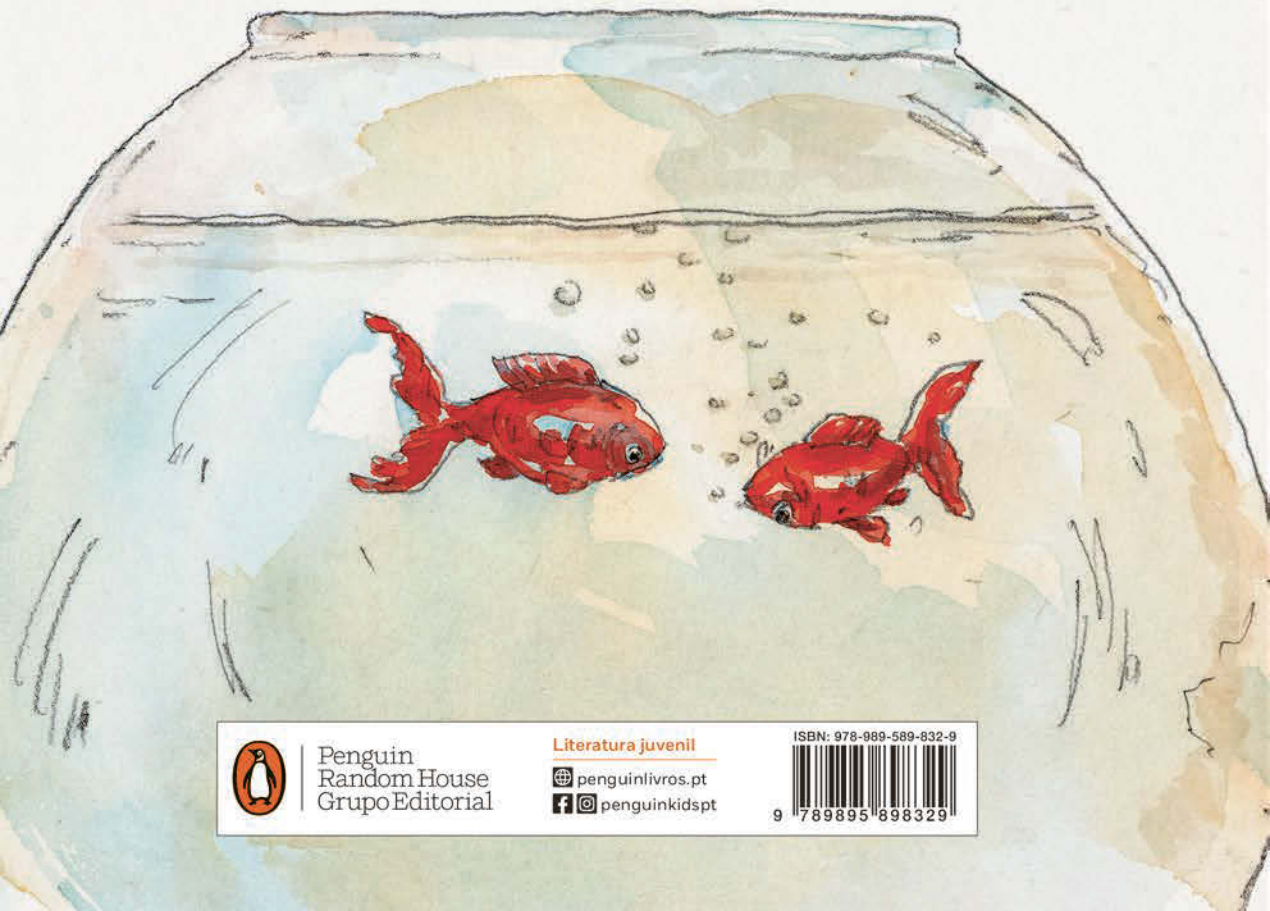
Por fim, a sua capacidade de recriar velhas lendas índias numa linguagem extremamente simples, bela e coloquial mostra bem que o talento de Clarice Lispector

é inesgotável e que nós somos uns sortudos por poder lê-la. Já te abri o apetite? Espero que sim. Agora é só virares a página e começares!

Maria do Rosário Pedreira

Clarice Lispector é uma das maiores escritoras da língua portuguesa. Nestes contos para a infância e lendas brasileiras, contados por si em tom de permanente diálogo, transparece toda a sua imaginação poética, o seu humor subtil, a sua sensibilidade invulgar e uma linguagem sempre adequada aos leitores, quer sejam crianças ou gente grande.

Com ilustrações do premiado Odilon Moraes e introdução de Maria do Rosário Pedreira, este livro é a oportunidade perfeita para um primeiro contacto com a sua obra, captando a diversidade da cultura brasileira, rica em tradição oral, folclore, simbolismo e fantasia.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura juvenil

 penguinlivros.pt
  [penguinkidspt](https://www.instagram.com/penguinkidspt)

ISBN: 978-989-589-832-9



9 789895 898329